Governo quer estatizar reservas de minério de nióbio

JAIME SAUTCHUK
Repórter da Sucursal de Brasília

O Conselho de Segurança Nacional está elaborando estudos para controlar a exploração dos metais estratégicos no Brasil. Uma das propostas em estudo é a nacionalização das reservas de pirocloro (minério de nióbio), mineral estratégico usado principalmente como super-condutor de energia elétrica, na área nuclear, cujas reservas brasileiras somam mais de US$ 500 bilhões — valor equivalente a cinco vezes a dívida externa brasileira.

Um programa de trabalho na área do nióbio, elaborado por técnicos do governo a pedido do Conselho de Segurança, propõe a estatização das reservas brasileiras desse minério. A principal reserva de pirocloro está situada em Araxá (sudoeste de Minas Gerais, próximo à fronteira com São Paulo), onde o governo brasileiro calcula haver 8 milhões de toneladas do minério. Essa reserva é controlada, hoje, pela Companhia Brasileira de Mineração e Metalurgia (CBMM), empresa formada pelo grupo Moreira Salles, brasileiro, em associação com a norte-americana Molybdenum Corporation (Molycorp).

Essas reservas pertenceram ao governo de Minas Gerais, que repassou as concessões à CBMM pela forma do arrendamento. O Brasil detém, em seu subsolo, 90% das reservas mundiais de minério de nióbio, daí a importância que vem sendo dada pelo governo ao setor. Além de Araxá, há minas desse minério em Catalão, extremo sul de Goiás, e na área do Projeto Grande Carajás, no sul do Pará. As reservas de Catalão estão sob o controle da Metago (Metais de Goiás S/A), empresa estatal do governo goiano, e as de Carajás pertencem à Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), também estatal. A maior parte das reservas brasileiras, porém, está na mina de Araxá que, além de abastecer o mercado interno, exporta cerca de US$ 100 milhões anuais.

O nióbio é o principal minério na área dos super-condutores de energia, comparável apenas ao molibdênio, cujas reservas mundiais são bem menores. Para se ter uma idéia, um cabo equivalente a um fio de cabelo desse metal transporta tanta energia quanto, por exemplo, um cabo de cobre com 30 centímetros de diâmetro. Além disso, o nióbio tem outras duas vantagens: só derrete com altíssimas temperaturas e não perde energia no transporte (um cabo de cobre, por exemplo, perde 30% da energia que transporta).

A questão do nióbio tem alguns aspectos que envolvem a disputa internacional sobre minerais estratégicos. O Brasil mantém algumas pesquisas tecnológicas, com a participação do Japão, que são consideradas as mais avançadas do mundo em relação a esse minério. A Fundação de Tecnologia Industrial (FTI), que opera em Lorena (interior de São Paulo, próximo à fronteira com o Estado do Rio de Janeiro), um órgão de pesquisa do governo federal, desenvolveu tecnologia para produção do metal de nióbio com quase 100% de pureza. O pirocloro utilizado nessas pesquisas é fornecido pela CBMM, das minas de Araxá.

As pesquisas feitas em conjunto com o Japão são para o desenvolvimento de um super-magneto para transportar a energia necessária para processos mais modernos de fusão nuclear (junção das células nucleares que geram a explosão molecular). Esse super-magneto é capaz de suportar um calor próximo de um bilhão de graus.

Atualmente, a CBMM exporta o minério processado em escalas primárias, ou seja, na forma de ferro-nióbio e óxido de nióbio (o minério em pó). O Conselho de Segurança pretende restringir essas exportações, propondo a venda do minério num estágio mais avançado de processamento, já como metal, em lingotes, ou como cabos supercondutores de energia, cuja tecnologia o Brasil domina.

Os estudos elaborados pelo governo, porém, vão um pouco mais além. Prevê-se a retomada das minas que estão nas mãos do setor privado (ou seja, as de Araxá), sustando projeto da CBMM para implantação de uma usina de metalurgia para produzir nióbio-metal. A CBMM, segundo os dados da empresa, é 54% do grupo Moreira Salles e 46% do Molycorp.

O que são metais estratégicos

Minérios estratégicos são aqueles que, quando transformados em metal, são utilizados em setores importantes da indústria, cumprindo funções que outros metais não conseguem cumprir. São metais que servem para ligas especiais e que, na maioria dos casos, existem em pequena quantidade no mundo.

Os mais conhecidos entre os minérios estratégicos formam um seleto grupo utilizado na produção de energia nuclear (para fins pacíficos ou bélicos), dentre os quais destaca-se o urânio. Há, porém, uma série de outros metais que são considerados "estratégicos" pela sua utilização restrita a algumas ligas ou a setores industriais, como a indústria aeroespacial, de computadores ou de mecânica de precisão.

O Brasil dispõe de reservas minerais de quase todos eles, principalmente o nióbio, tungstênio, molibdênio, titânio, zircônio e vanádio. Alguns desses minérios podem ter seu uso ampliado. No século passado, por exemplo, a bauxita (minério do alumínio) era utilizada como um produto nobre, inclusive em jóias, mas hoje é de largo uso na substituição do aço e de outros metais. A maioria dos países industrializados dedica atenção especial aos minerais estratégicos, com órgãos do governo que cuidam exclusivamente desse setor. O que está sendo feito no Brasil é a preparação de um plano de governo específico para o setor.

De olho na inflação

Cresce a oferta de batata e cebola e os preços caem

Da Redação da **Folha**

A oferta de batata e cebola cresceu 109% na última semana em São Paulo, o que resultou numa queda média de 3% nos preços desses produtos. A informação é de Armando Coelho Júnior, 37, chefe do Serviço de Estatística da Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo (Ceagesp). A entrada de batata no entreposto cresceu 143%, enquanto a de cebola subiu 65%. Para Armando Coelho, no entanto, a batata ainda apresenta alguns problemas na comercialização. Ele afirma que na zona cerealista da Cantareira, região central de São Paulo, o produto vem sendo comercializado acima do preço permitido pelo governo: "A saca do produto chega a atingir Cz$ 430,00", disse.

Os demais hortifrútis também registraram maior oferta, levando a uma queda média de preços de 5% na Ceagesp, incluindo batata e cebola. Segundo Armando Coelho, o aumento

3% e os preços ficaram estáveis. No de legumes, apesar da retração de 1% na oferta, os preços apresentaram uma queda de 10%. Já o setor de verduras registrou um aumento nas entradas de 4%, com uma consequente queda de preços de 9%.

No setor de frutas, os produtos que apresentaram maiores crescimentos na oferta foram mamão havaí (mais 35%), limão (19%), melancia (13%) e laranja (8%). Já a maçã estrangeira, com menos 23%, e o mamão formosa (11%) apresentaram as maiores retrações da semana.

A cenoura (mais 21%) e o pimentão (9%) foram os produtos que tiveram as principais entradas no setor de legumes. As maiores retrações foram as da berinjela (menos 25%) e chuchu (18%). No setor de verduras, a couve-flor, com aumento na oferta de 50%, e a escarola (22%) foram as que mais se destacaram.

A pesquisa semanal realizada pelo DataFolha na região metropolitana de São Paulo indica que o custo total de uma cesta básica para o consumi-